

15 - O ensino de história da África

experiências a partir da sala de aula

Marisa Antunes Laureano

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LAUREANO, MA. O ensino de história da África: experiências a partir da sala de aula. In: MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 211-222. ISBN 978-85-386-0383-2. Available from: doi: [10.7476/9788538603832](https://doi.org/10.7476/9788538603832). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/yf4cf/epub/macedo-9788538603832.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA SALA DE AULA

Marisa Antunes Laureano

Em 9 de janeiro de 2003, o presidente da República sancionou uma lei que movimentou os debates relacionados a questões étnico-raciais. Foi firmada uma conquista do movimento negro, que havia décadas lutava por uma valorização das origens étnicas do povo negro brasileiro. Nada se dizia; nada se fazia; nada era exposto de forma ampla quando se tratava do estudo da História da África e da Cultura afro-brasileira. As produções acadêmicas, os trabalhos pedagógicos não se aproximavam das escolas e, portanto, não traziam resultados que representassem mudanças na forma de se ver e pensar o negro no Brasil.

Atualmente, um grande número de professores tem procurado informação para ampliar seus conhecimentos e poder aplicar a lei em sua escola ou em sua sala de aula. Para tanto, são necessários apoio e incentivo para que não desanimem e continuem este processo, que inicia a introdução do ensino de História da África e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares. Visando incentivar, encaminho alguns pontos de uma experiência de trabalho com turmas do Ensino Médio e Fundamental de escola pública do Rio Grande do Sul.

O Professor e o Conhecimento sobre História da África

Trabalhar um conteúdo novo no currículo escolar é difícil tanto para os professores quanto para os alunos. Mesmo que o aluno não tenha amplo conhecimento sobre quais conteúdos competem a sua série ou ciclo, há sempre um entrave inicial. Muito pela novidade di-

ante do que eles ouviram falar e pela insegurança que o professor irá ter ao apresentar determinado assunto.

Quando verificamos a necessidade de mudança, somos nós, os professores, os primeiros a reagir com insegurança e medo. Como muito já foi dito, o novo dá medo, o que não se pode é permitir que o aluno perceba isso. O professor deve mostrar segurança sempre, mesmo naqueles assuntos que não domina totalmente. Para isso, a pesquisa é fundamental. Dominar com segurança, mesmo que uma parte do conteúdo proposto para o trabalho, já garante alguns resultados positivos.

Quando nos referimos à História da África, o assunto torna-se mais complexo por vários motivos:

1. É um conteúdo que o professor não viu na universidade.
2. O material para estudo de tal conteúdo é recente (e agora caro).
3. As compilações apresentadas não aprofundam algumas temáticas, o que não traz segurança aos professores.
4. Os cursos oferecidos não são acessíveis a todos os professores, principalmente de escola pública, pois esbarram no tempo, dinheiro e acesso à internet que muitos professores não têm.
5. E há também o convencimento da importância de tal conteúdo tanto para a classe como para os colegas.

Não é necessário elaborar muitas outras questões que nos levam ao entrave e à desistência para abriremos para o novo e mudarmos de vez o currículo escolar. O que me compete agora é elucidar alguns caminhos que driblem essas dificuldades e nos tragam algumas saídas.

Os cursos de formação de professores de História atualmente não dão ênfase à História da África, relegando tal conteúdo às disciplinas opcionais raramente oferecidas. Diante de tal desinteresse acadêmico em munir o futuro professor com conhecimentos necessários para o ensino de História da África, nos deparamos com profissionais com vontade, mas sem a base necessária para aplicar um bom

projeto em sala de aula. Frente a tal carência, os verdadeiramente interessados correram atrás de uma formação de extensão. Os demais foram pegos de surpresa pela Lei nº 10.639/03 e preferem ignorar tal lei. Existem ainda situações em que o professor é cobrado para que faça cumprir a lei e, para tanto, ele tem que desvendar o desconhecido: a História da África.

Para compensar a defasagem, é necessário um investimento do professor. Comprar um bom manual é indispensável para um entendimento melhor sobre o assunto e possibilitar um caminho de segurança quando a abordagem for feita em sala de aula. Ficar restrito aos livros didáticos pode levar o professor a erros e a questionamentos sem resposta. Os livros didáticos não são completos para estudarmos a História da África, e o professor deve sempre ir além desse recurso. A grande insegurança do professor ocorre justamente por ter por base apenas os livros do aluno, o que vai resultar em desconhecimento do que deveria ser a contribuição que o professor daria em aula. Em trabalho recente, Anderson Oliva, pesquisador de livros didáticos sobre História da África, diz o seguinte:

Silêncio e desconhecimento. Poderíamos assim definir o entendimento e a utilização da História da África nas coleções escolares de História no Brasil. Apenas um número muito pequeno de livros possui capítulos específicos sobre a História da África. Nas outras obras, a África aparece apenas como uma figurante que passa despercebida em cena, sendo mencionada como um apêndice misterioso e pouco interessante de outras temáticas. Tornou-se evidente também que, quando o silêncio é quebrado, a formação inadequada e a bibliografia limitada criam obstáculos significativos para uma leitura mais atenta e um tratamento mais pontual sobre a questão.

[...] quase sempre, a África aparece em óbvias passagens da História do Brasil, da América ou da Europa, ligadas à escravidão, à expansão ultramarina, ao domínio colonial no século XIX, ao processo de independência e às graves crises sociais, étnicas, econômicas e políticas em que mergulhou grande parte dos países africanos formados no século XX (Oliva, 2003, p. 429).

Assim, posso reafirmar que, diante de poucas abordagens corretas sobre a História da África nos livros didáticos, estes não seriam o manual ideal para o professor, já que até para os alunos são falhos.

Existem alguns bons manuais acessíveis em preço aos professores para que tenham uma base em seu planejamento de aula sobre a História da África, destacando-se que a partir de 2005 os livros sobre a África inflacionaram e alguns já estão esgotados.

Atualmente, o MEC está colocando à disposição das escolas muito material bom para pesquisa sobre o ensino de História da África. Dentre esses materiais, indico *Educação, Africanidades, Brasil* – coordenação de Glória Moura, Centro de Educação à Distância (CEAD/UNB), Brasília, DF, 2006. Este livro reuniu vários textos de diversos autores que tratam de ensino, história e geografia voltados ao trabalho do professor em sala de aula. Outro livro importante é o de Marina de Mello e Silva – *África e Brasil africano* – São Paulo: Ática, 2006. Trata-se de um manual de fácil leitura muito bem organizado, que vai desde a África antiga até o Brasil africano, ou seja, o Brasil em relação à África, suas heranças e a importância na formação de nossa cultura. Já Nelson Bacic Olic e Beatriz Canepa – *África, Terra e Sociedade* – São Paulo: Moderna, 2004, Coleção Polêmica, apresentam um paradidático que traz informações úteis para o professor e o aluno sobre a geografia africana. Para trabalhar com o aluno, indico o livro, também paradidático, de Isimeme Ibazebo – *Explorando a África* – tradução de Isa Mara Lando – São Paulo: Editora Ática, 1997. Ele contém um breve histórico sobre os relatos dos viajantes que percorreram o território africano. Ainda para trabalhar com os alunos, recomendo o paradidático de Roberto Emerson Câmara Benjamin – *A África está em nós: história e cultura afro-brasileira* – João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2004, que trata mais das heranças africanas no Brasil, mas é importante para realização de um projeto sobre História da África que, de alguma maneira, irá culminar em nossas heranças.

Assim que alguns professores começarem a buscar o conhecimento vão estar na condição de multiplicadores. Eu aprendo e, a partir do meu conhecimento, vou trabalhar com meu colega que irá aprender também e assim por diante. A multiplicação iniciará uma quebra na resistência dos colegas em iniciarem os estudos e trabalharem a temática em sala de aula.

Possibilidade de Trabalho a Partir da Sala de Aula no Ensino Fundamental

Quando a idéia é trabalhar a cultura afro-brasileira, tem-se uma gama de exemplos, de projetos, de professores que fazem atividades as mais diversas relacionadas ao tema. Entretanto, devemos atender à determinação da lei da introdução da História da África por um motivo bem claro: não se muda preconceito sem ir à origem dele e apresentar um outro conceito para que determinados grupos criem novas visões de mundo. A cultura afro-brasileira é de suma importância para inclusão e melhor visão sobre a importância das negras e dos negros deste país. Mas devemos antes salientar a origem destes homens e mulheres, destacando de antemão o que foi e o que é a África. Muito do preconceito com relação à origem do povo negro brasileiro é em função do conceito que fazem da África. *Um lugar de onde descende um povo miserável, sem cultura, sujeito a doenças, e de fácil domínio. E o que se pode destacar, fora esses conceitos, é o exotismo tanto em natureza quanto em povos, a maioria tribais e primitivos.* Esse tipo de pensamento permeia as relações sociais entre negros e brancos no Brasil há muitos séculos. É justamente contra essa idéia errônea de África que devemos lutar. O conhecimento sobre um Continente grandioso de muitos povos distintos e culturas diversas, que é a África, deve ser apresentado de forma a dar clareza sobre a história há muito negada do continente africano.

Quando iniciamos uma proposta de trabalho sobre a História da África, enfrentamos algumas dificuldades iniciais de estranhamento. Por isso, proponho que o trabalho seja feito através de projeto. Se apenas incluirmos o tema África nos planos de aula, introduzindo o assunto apenas como seqüência ao conteúdo predeterminado, corremos um risco ainda maior de perdermos o caminho, de não conseguirmos dar conta como deveria, ou esperaríamos do tema. Será só mais um assunto maçante para os alunos que tenderão a rejeitá-lo, ocasionando uma dupla decepção: aos alunos e ao professor.

Um projeto com todas as possibilidades descritas e avaliadas antecipadamente não garante sucesso absoluto, mas gera alguns caminhos mais seguros para o desenvolvimento do trabalho. Apresento um exemplo de projeto que realizei com turmas de 5ª série do Ensino Fundamental e que trouxe resultados positivos quanto ao ensino de História da África. Não podemos, também, imaginar que aquilo que está descrito no texto do projeto venha se concretizar tal como ali está, visto que contamos sempre com o inesperado e é isso o que justamente torna a profissão de professor interessante. Porém, muito da viabilidade do trabalho ocorreu pela organização e projeção de tarefas e resultados esperados.

O trabalho tinha que ser dividido entre os alunos de cinco turmas de 5ª série com uma média de quarenta alunos em cada turma. Para que houvesse condições de avaliação adequada e acompanhamento, os alunos foram divididos em grupos. Cada turma foi dividida em grupos de cinco pessoas. Com os grupos formados, os alunos tiveram algumas aulas sobre História da África Antiga.

Tratou-se de África Antiga, por ser conteúdo do currículo da 5ª Série o Egito Antigo. Partindo do Egito, segui com a África dando destaque a outras sociedades antigas da costa oriental do continente africano. Depois de dada essa exposição, em algumas aulas, os alunos passaram a trabalhar nos grupos com livros e diversos materiais coletados para que eles pesquisassem um pouco sobre a África em sala de aula. O tempo de trabalho de pesquisa sobre a África foi estabelecido no projeto. Na aula seguinte à pesquisa, os alunos receberam o nome de um país africano (feito por sorteio), sobre o qual eles teriam que pesquisar e apresentar o resultado da pesquisa em um trabalho escrito e de exposição. Para organizar essa etapa, cada grupo teria que fazer seu projeto no qual constariam:

- O nome do país.
- A região da África onde estava localizado.
- Onde poderiam fazer a pesquisa sobre o país.

- Que tipo de trabalho o grupo faria para expor.

A partir daí, os membros do grupo teriam que trabalhar em busca do seu próprio conhecimento. Os dois encontros seguintes foram dedicados à reunião do grupo e à organização do trabalho. No terceiro encontro, eles tiveram que apresentar por escrito como estava o andamento do trabalho, o que já haviam conseguido para o trabalho escrito (se não haviam conseguido nada deveriam pedir ajuda à professora) e quais materiais utilizariam para construir o seu trabalho de exposição. A surpresa maior nesta etapa foi a pesquisa na internet. Por ser uma escola de região muito carente, pensei que eles teriam dificuldades para usar esta ferramenta, mas não. Foram atrás e pelo menos um em cada grupo conseguiu pesquisar na internet. A maioria decidiu fazer maquete sobre o país, outros iriam fazer cartazes e poucos quiseram apresentar o trabalho escrito. Um grupo quis fazer dança e outro, comida. O resultado de todo este trabalho que durou dois meses foi um aprendizado conjunto, pois eu aprendi, eles aprenderam e tiveram a oportunidade de demonstrar este conhecimento para os colegas de outras séries.

O meu cuidado maior quando penso em um trabalho sobre a África é realmente mostrar a África, ou seja, quais são as características africanas e as relações que podemos fazer de lá para cá. A grande maioria dos projetos que tenho acompanhado apresenta-se como História da África e trata apenas da cultura afro-brasileira. Vamos fazer comida típica africana e logo aparece a canjica (mungunzá), a pamonha, a feijoada, e outros tantos pratos tipicamente brasileiros. Os africanos que aqui chegaram tiveram que adaptar a sua culinária ao que podiam encontrar aqui. O arroz era muito utilizado na África para vários pratos, que aqui foram substituídos pelo milho. Devemos conhecer a África e conhecer o Brasil e a partir daí fazer a relação. Dar destaque, é claro, ao fato de que tudo isso é uma herança do Continente Africano, e, como herança, modificado, alterado, adaptado e até enriquecido e preservado, legando ao presente até culturas que já não existem na África.

Voltando ao projeto do Ensino Fundamental, ocorreram duas situações que marcaram o final destes trabalhos:

- Uma aluna entregou-me um desenho (ato comum para os alunos de 5ª série). A diferença é que o desenho era de Iemanjá me desejando muita felicidade. As crianças tendem a esconder sua crença quando se trata de religião afro-brasileira.
- Um menino, ao ser perguntado sobre qual era sua religião, disse em voz bem alta: “Eu sou da religião da minha mãe, da minha vó e dos meus antepassados que vieram da África”.

Foi interessante que esbarrei no preconceito dos pais diante de tal trabalho. Muitas crianças vieram com comentários preconceituosos sobre a África e seus habitantes e iniciavam suas frases dizendo “minha mãe disse” ou “meu pai disse”. Tive que tentar mudar o pensamento das crianças e para que, talvez, refletisse nos pais. Um grupo que colocou a frase dos pais disse que, na África, só existiam miséria e pobreza e não tinha nada que elas poderiam apresentar. Algumas meninas disseram que a mãe lhe havia mandado ficar pulando e gritando e assim estariam representando a África. Devemos nos preparar para discutir o preconceito e reverter a situação, já que todo o projeto visa justamente a isso.

Possibilidade de Trabalho a Partir da Sala de Aula no Ensino Médio

O grande desafio ao introduzir História da África é no Ensino Médio. Existe ainda certa resistência de nossa parte em propor projetos de trabalho para alunos do Ensino Médio. Pensamos logo que não serão realizados, que o aluno não irá fazer, e a clássica afirmação: “o aluno não quer nada com nada”. Porém, dará mais errado ainda a simples inclusão de História da África se não houver algo

muito bem planejado antes. O aluno do Ensino Médio já vem com um currículo pronto em sua idéia e mudá-lo é mais difícil. E contamos com o fato que ele nunca viu nada referente à História da África em sua vida escolar.

Introduzi História da África no conteúdo do 2º ano do Ensino Médio. Uma turma apenas estava seguindo o andamento do conteúdo e outra com plano de trabalho específico para História da África. Na primeira, o retorno foi muito ruim. Os alunos pareciam já saber tudo sobre África e não se mostraram dispostos a mudar seus conceitos. Ao esbarrar na primeira dificuldade, estabeleci outra abordagem para a turma seguinte. Não elaborei um projeto como para o fundamental, mas, sim, um plano de trabalho no qual parti do conhecimento deles e fui desmistificando a África que eles pensavam conhecer. Eles, primeiro sem ouvir nada de mim sobre a África, tiveram que redigir um texto sobre a visão que tinham da África. Saiu o que eu já esperava, com apenas uma exceção. Textos como estes:

R= A África é um continente constituído por países muito pobres, subdesenvolvidos, a maioria da população muito pobre e uma região com relevo predominante por savanas, existem selvas de com animais ferozes, é o maior produtor de diamante mas apesar disto a fome, miséria e doenças imperam na maioria das regiões.

Tem um povo basicamente rural, são separados por tribos algumas bastante exóticas, com uma cultura muito diferenciada da nossa.

Erão tirados da África os escravos que serviam os nobres portugueses e brasileiros no Brasil.

Povo com sua maioria negros, guerreiro, cheio de crenças e força.

A África é um continente que não tem muita vegetação e a maioria das pessoas são pobres e também são analfabetos, eles tem poucos meios de medicinação para saúde, o meio mais usado são ervas medicinais para curar suas doenças. Eles vivem na maioria das vezes em casas feitas por eles mesmos, para sobreviver eles tem que caçar. Na África os homens trabalham no extração de Diamantes e na criação de gado, cabras e outros animais.

África? A África é um continente muito rico em diamantes, mas porém tem muitas crianças passando fome e também há um gran monte grande de pessoas que contém HIV, e não tem recursos para ter um bom atendimento médico, e medicamentos para curar doenças simples, que pode causar até a morte.

São pessoas pobres, negros vivem como escravos com muitas dificuldades conseguem de sustentar, a maioria dos Africanos trabalham nos minas à procura de diamante para exportar para outros países com mais recursos financeiros.

Vejam que os textos se equiparam em visão e demonstram um senso comum sobre a África muito conhecido de todos. O filme *Diamante de Sangue* (Dir. Edward Zwick, 2006) pautou muito dos escritos dos alunos. E com um detalhe importante: a maioria deles não havia assistido ao filme.

A partir desses textos, as aulas foram seguindo o caminho de desmistificar muito desses conceitos apresentados e colocando todos os países da África em seu devido status social, econômico e cultural. Houve muitas surpresas, descrenças e questionamento sobre o

porquê de a televisão só mostrar aquela África descrita por eles. A turma foi movimentada, o que enriqueceu a discussão e trouxe os alunos para mais perto do tema.

Considerações Finais

A Lei nº 10.639/03 é o resultado de uma luta histórica. O movimento negro e todas as entidades que combatem o racismo e a discriminação racial, de qualquer natureza, reconhecem que essas práticas discriminatórias são frutos do desconhecimento. O povo negro sofre preconceito há séculos, e somente o conhecimento da História e de uma compreensão de sua cultura irá encaminhar a nossa sociedade para o rompimento com práticas preconceituosas e discriminatórias.

Essa lei, quando criada, abriu um espaço para debates, pesquisas e publicações sobre a África nos mais diversos aspectos. Entretanto, esse espaço ainda é pequeno diante da importância do tema para a sociedade brasileira. Os caminhos investigativos, portanto, direcionam para um olhar próprio sobre um objeto pouco trabalhado, qual seja, o das representações sobre a África através da ótica dos professores que se propõem a um projeto de ensino sobre este tema.

Referências

ABREU, Martha & SOIHET, Rachel (Org.). *Ensino de História: Conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. *A África está em nós: história e cultura afro-brasileira*. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2004.

BOTO, Carlota. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito. *Cadernos CEDES* (Campinas) vol. 23 nº 61, 2003, p. 378-397 (Disponível on-line: www.cedes.unicamp.br)

HENRIQUES, Ricardo. *Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação*. Brasília: UNESCO, 2002.

- IBAZEBO, Isimeme. *Explorando a África*. Trad. de Isa Mara Lando. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MELLO E SILVA, Marina de. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ed. Ática, 2006.
- MOURA, Glória (Coord.). *Educação, Africanidades, Brasil*. Brasília: Centro de Educação à Distância (CEAD/UNB), 2006.
- OLIC, Nelson Bacic & CANEPA, Beatriz. *África, terra e sociedade*. São Paulo: Ed. Moderna, 2004. Coleção Polêmica.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos Afro-asiáticos* (Rio de Janeiro) vol. 25, n° 3, 2003 (Disponível on-line em: www.casadasafricas.org.br).
- PINGUILLY, Yves. *Contos e lendas da África*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANTOS, Gevanilda & SILVA, Maria Palmira da (Org.). *Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- SARAIVA, José Flávio Sombra. *Formação da África Contemporânea*. São Paulo: Ed. Atual, 1987.
- SERRANO, Carlos. O processo de constituição dos Estados Nacionais e as Questões Culturais. In: *Países africanos de língua oficial portuguesa: reflexões sobre história, desenvolvimento e administração*. Seminários FUNDAP, 1991.